A Mexicanização do Brasil

Simon Schwartzman

(1986)

Quando o PDS era o "maior partido do ocidente", houve quem temesse que o Brasil caminhasse para o modelo mexicano, onde um único partido, civil, mantém há décadas o controle total da política do país, e os presidentes nomeiam seus sucessores. A verdade, no entanto, é que o Brasil nunca esteve tão próximo de se mexicanizar politicamente como agora, e é curioso que ninguém ainda tenha se dado conta.

A semelhança mais obvia é a quase inexistência de oposição ao governo. O PDS mal consegue sobreviver, o liberalismo ortodoxo não tem expressão político-partidária, a esquerda está quase toda no governo, o populismo não consegue se articular nacionalmente. É difícil lembrar de outro momento da historia nacional em que um governo gozasse de tanto apoio, que é em parte resultado, como sabemos, do paciente trabalho de cooptação das lideranças políticas para a formação do Ministério de Tancredo Neves, que o governo Sarney herdou.

A segunda semelhança importante com o México (e esta o antigo PDS nunca teve) é a legitimação ideológica de que se cerca o governo da Nova República. No México, o Partido Revolucionário Institucional é o herdeiro da revolução do inicio do século, que se mantém presente nas bandeiras vermelhas, no nacionalismo, nos murais de Siqueiros, nos discursos inflamados dos políticos. O governo da Nova República também vem de um movimento renovador, e empunha a bandeira da democracia, da participação, da correção das injustiças sociais. Graças a esta legitimidade, o apoio da população é mais espontâneo, e o uso da coerção menos necessário.

Os mexicanos logo descobriram que não é necessário existir muita relação entre o que é dito e o que é feito, entre o nível da retórica e o nível da prática. Também chama a atenção, na Nova República, o distanciamento cada vez maior entre a retórica dos símbolos e a prática da ação governamental. É importante dizer que os símbolos são necessários, e que a instauração da plena liberdade política, realizada pelo atual governo, é uma conquista da maior importância para toda a sociedade brasileira. O que não está sendo dito - e é importante que se comece a dizer com clareza - é que, nos outros planos - da política social, da política econômica - o governo está perplexo e paralisado, e não está havendo uma prática que corresponda à retórica.

Não se trata de uma simples questão de má fé. A verdade é que o governo da Nova República herdou uma situação social e econômica extremamente grave, e uma administração publica cara, ineficiente e desmoralizada. Qualquer política que se tente implica contrariar interesses, e atrair a oposição de algum

setor. Como existe um calendário eleitoral a ser cumprido, e como os que os políticos mais sabem é, exatamente, fazer política, o resultado é que só são tomadas medidas consensuais, que provoquem o mínimo de oposição. O problema é que o atendimento de interesses de curto prazo leva frequentemente ao agravamento dos problemas do país a prazo mais longo. Um bom exemplo, que está nos jornais, é o do Instituto do Álcool e do Açúcar. Através do IAA o governo mantém uma indústria açucareira extremamente ineficiente e antieconômica, que dá emprego a milhares de trabalhadores rurais e ao mesmo tempo perpetua as condições sub-humanas em que vivem. Romper esta situação perversa é um desafio semelhante ao que enfrentou o governo Mitterrand ao desativar partes obsoletas da indústria pesada na França. A opção da Nova República, nestes como em outros casos, tem sido pelo curto prazo.

A solução clássica "mexicana" para estes dilemas é manter a retórica revolucionaria desvinculada da prática da política social e econômica. Para o Partido Revolucionário e para os setores empresariais da classe média e intelectual cooptados pelo governo, tem sido uma solução cômoda. Para o pais como um todo, e para as populações mais pobres, o resultado talvez seja menos alvissareiro, com a sucessão de governos que oscilam do despotismo esclarecido ao populismo demagógico e à corrupção pura e simples, e um cinismo que se espalha por toda a sociedade, fazendo da retórica revolucionaria um "newspeak" que Orwell não chegou a conhecer.

O Brasil ainda está longe, felizmente, dê sua mexicanização, mas os sintomas que existem já são inquietantes. Não é absurdo pensar que, na medida em que os dilemas sociais e econômicos se agravem, o governo possa escalar a retórica e o simbólico, e comece ao mesmo tempo a tomar medidas que não passem pelo crivo político da sociedade. Para que isto não aconteça, é necessário que o governo desista, o mais rapidamente possível, de ter o apoio unânime da sociedade, e passe a dizer com clareza que interesses pretende defender , e quais pretende contrariar. É possível que as eleições deste ano ajudem a dar ao país um quadro político mais nítido, polarizando a sociedade em torno de correntes mais definidas, e rompendo de vez com a aparente unanimidade que hoje nos ameaça.